



LUIZ D'ALBUQUERQUE DE MELLO PEREIRA E CÁCERES

LUIZ D'ALBUQUERQUE DE MELLO PEREIRA E CÁCERES

*Antônio de Pádua Bertelli**

A Romanização da Lusitânia que ocorre nos Séculos II e I, antes de Cristo, sofre pertinaz reação das hordas de Viriato e depois Sertório. Eram Celtíberos, dos grupos étnicos citas e celtas, cavaleiros fixados no Norte de Portugal (Trás-os-Montes); Alentejo, Alamoas dos Junqueiras e no Centro-Oeste da península misturando-se com os Ibérios, construtores de Castros e Citânias, metalúrgicos e pastores.

Com o estabelecimento das instituições portuguesas, no Século XIII de nossa Era Cristã, surgem as Inquisições, controlando títulos e privilégios, obrigando o uso do sobrenome, da casta, no reinado de D. Sancho II (1223-1248). Será D. Sancho II o doador, da vila, no conselho de Penalva do Castelo, junto a Castendo, onde se ergueu o solar da grei dos Albuquerque, cercado pelas Serras da Estrela, do Caramulo, da Arada e de Montemuro, e drenada pelos tributários do Douro Vinhateiro, com seus bois barroços, e pela bacias superiores dos rios Vouga e Mondego, este avolumado pelas águas do Dão, do Cojo e do Satão.

Foi nesta região, da Beira Alta, que ocorreu a resistência portuguesa, contra a dominação de romanos, visigodos, muçulmanos e espanhóis. Ali se encontra a leste da Ínsua, e do Solar dos Albuquerque, a famosa Cava do Viriato. Em 10 de Julho de 1662, o rei D. Afonso VI, concede a Manuel de Albuquerque, mencionado expressamente como

Senhor da Casa da Ínsua, e cavaleiro da Ordem de Cristo, carta de brasão de armas, por descender dos verdadeiros Pereiras, deste Reyno da Casa de Freira, por linha direta, legítima, e por parte da dita sua May descende da mesma maneira dos Verdadeiros Albuquerque deste Reyno, donde vem o grande Afonso de Albuquerque da Índia e os Senhores de Pernambuco e da Caza de Villa Verde aparentado com todos os Albuquerque da dita Província,

*- Titular do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso e do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.

além de que se mostra mais descendentes da ilustre família de Afonseguas, Coutinhos, Almeidas, Siqueiras e Saraivas, a que tenho visto e os mais Autos, julgo que ao suplicante por Legítimo Descendente das ditas gerações e como tal pode tirar o Brazão das Armas delas e gozar das mais e privilégios a elas concedidos na forma de sua petição.

No princípio de 1752, instala-se a Capitania do Mato Grosso, com problemas de todas as ordens, gerado pelo ouro de Cuiabá: guerras contra ao Paiaguás e Guaicurús, escândalos do colarinho branco, e tudo mais, obrigando Rolim de Moura a se empenhar em melhorar as condições da navegação fluvial com os paulistas, Porto Feliz Cuiabá. O Tratado de Madri (1753-1754) fez florescer o povoamento espanhol na banda direita do rio Paraguai, e as ações missionárias que se estendiam, sob o manto dos jesuítas espanhóis, antes derrotados por Antônio Raposo Tavares, Alentejano, de São Miguel de Beja, ganhavam projeção. Em um local habilmente escolhido, vizinho ao Itonamas e Baures, plantaram no Guaporé, o próspero aldeamento, Santa Rosa, controlador de todo o comércio pelos jesuítas castelhanos, a partir de 1761. Em 1763, ali se concentraram os grandes destacamentos militares espanhóis do Prata, Paraguai e Santa Cruz de La Sierra.

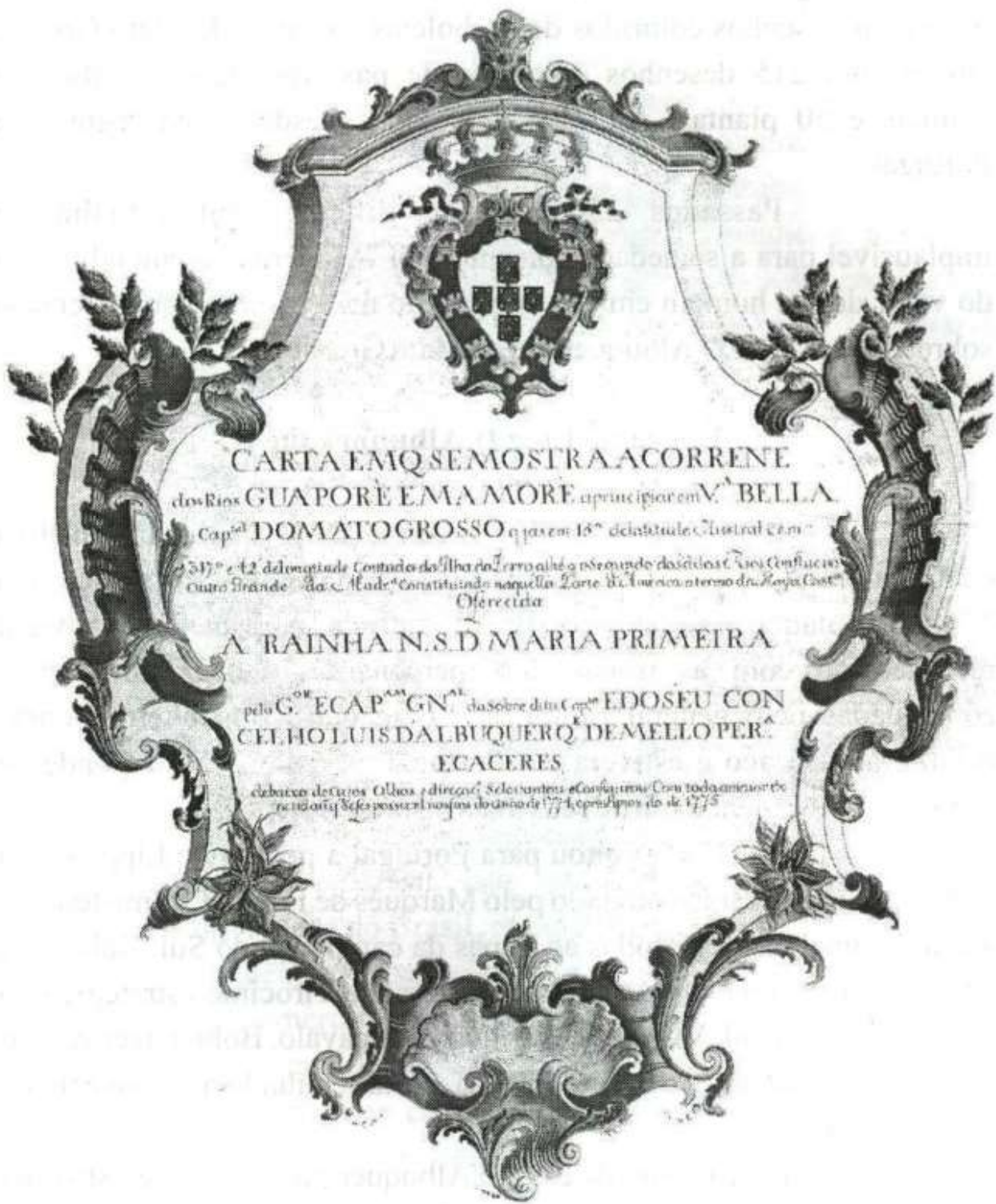
Em 1771, do Rei Dom José I, Rei de Portugal, da dinastia de Bragança, filho e sucessor de Dom João V (Lisboa 1714-1777) por indicação do Marquês de Pombal, na época, são concedidas as credenciais para Governar Mato Grosso, a Luiz D'Albuquerque de Mello Pereira e Cáceres, no mês de Julho. Possuía então 31 anos. Nascera em 1739 na freguesia do distrito de Viseu na Beira Alta. Era o décimo senhor de Morgado do Casal Vasco, nono senhor de Morgado dos Mello de Lousã, quinto senhor de Ínsua e de Espichel, Comendador da Ordem de Cristo, Coronel da Infantaria e Mestre de Campo de Auxiliares.

Em Dezembro de 1771, aportava no Rio de Janeiro, e prepara a longa viagem por terra, de observações gerais, físicas, trilhas comércio, etc..., para alcançar Vila Bela, onde será recepcionado com sua comitiva no final de 1772. Durante 16 anos, Luiz D'Albuquerque realiza extraordinário governo no Mato Grosso, sem similar na história universal nesse período.

As instruções passadas, denotavam a incerteza sobre o realismo da política do Estado Português, quanto à segurança das fronteiras, pela falta de um diploma legal internacional que explicitasse limites definidos entre colônias. Tais limites, remontavam as informações da Corte, pelos registros do bandeirante Antônio Raposo Tavares, passados ao Padre Antônio Vieira em 1645. O Distrato do Pardo, em 1761, induziu nos espanhóis a pretensão de posse da margem direita do Guaporé e por conseguinte do Rio Paraguai ao Rio Solis (Prata).

Luiz D'Albuquerque estava cômscio de sua missão histórica e obstinou-se em assegurar a soberania Lusa no extremo oeste, no Mato Grosso, e com argumentos de peso em 1780, oferece à Rainha D. Maria I, filha e sucessora de D. José I (Lisboa 1734, Rio de Janeiro 1816), a "*Idéia Geral de Fronteira*", fundamentada em cartografia atual, destruindo as cláusulas prejudiciais do Tratado de Santo Ildefonso, passando então à execução da Carta Limítrofe do país de Mato Grosso e Cuiabá desde a foz do Rio Mamoré até o Lago Xarayes, ano de 1782 até o de 1790, nascendo assim o Mato Grosso para a geografia física do Brasil.

Cria o registro da Ínsua (1773) instalando a defesa no Iguatemi, a favor dos paulistas. Em 1778, definiu o traçado essencial das posses lindeiras ao longo do Rio Paraguai, criando em Vila Bela, a primeira junta de Saúde e Justiça. Fomentou a Agricultura, desenvolveu o comércio, as finanças, além de modernizar a área urbana da Capital Vila Bela. Ocupou e povoou o Mato Grosso regulando o abastecimento dos povoados. Homem de acurada formação científica, aplicou-se ao conhecimento da fauna e da flora do Pantanal, cujas coleções de desenhos ainda se conservam na Casa da Ínsua, em Portugal, onde



Cartografia do Mato Grosso à Rainha S.M.U.S. Dona Maria I, 1774 - 1775

também se encontra a notável coleção cartográfica do Mato Grosso, o livro com desenhos coloridos de borboletas e insetos de Mato Grosso, álbum com 215 desenhos coloridos de pássaros, 100 desenhos de animais e 50 plantas. Ali estão guardados desde o seu regresso à Portugal.

Passados 250 anos, é difícil e intelectualmente implausível para a sociedade consumidora "Moderna" o entendimento do valor de um homem em sua época. Isto merece um pequeno ensaio sobre a Época Luiz D'Albuquerque no Mato Grosso.

Época de Luiz D'Albuquerque

Luiz D'Albuquerque encontra, após 1771, uma relativa calma em relação aos espanhóis no Mato Grosso. Ocorre que, em 1768, os ataques no sul do Brasil, contra os espanhóis haviam recrudescido com as tropas dos mercenários, vindas de Lisboa, comandadas pelo general Böhm, e o Brigadeiro Engenheiro Funck. Böhm era austríaco e estivera em Portugal, na comitiva do Conde de Lippe, em 1762, sendo um de seus mais distintos oficiais.

Em 1765, voltou para Portugal a pedido de Lippe e, em 1767, veio para o Brasil enviado pelo Marquês de Pombal, como tenente general comandante de todas as tropas da campanha do Sul. Böhm saiu vitorioso em 1769 e prova, com seu sucesso, o Tirocínio estratégico do Marquês de Pombal. Vítima de uma queda de cavalo, Böhm falece no Rio de Janeiro em 22 de Dezembro de 1783 e está sepultado no Convento de Santo Antônio.

Para a época de Luiz D'Albuquerque, merece registro que em 1772, três companhias de mercenários ou Aventureiros faziam a guarnição do forte do Iguatemi, na foz do Rio das Bogas, Sul do Mato Grosso. Este forte foi fundado para conter os espanhóis e contava com 5 baluartes, 2 meios baluartes em terra batida e faxina, e em 1770, contava com 14 canhões. A guarnição era formada por 5 companhias de "Mercenários" paulistas, e uma de artilharia do Rio de Janeiro, num total

de 300 homens. Em 1774, o forte foi atacado pelos índios Cavaleiros Guaicurús, e em 1776 recebeu o reforço de 78 soldados, do famoso e hediondo Regimento Mexia Leite, de São Paulo.

O forte se rendeu aos espanhóis comandados por D. Agostinho Penedo, em 27 de Outubro de 1777, restando em sua triste história o diário de Teotônio José Juzarte e a capitulação do vigário Antônio Ramos Louzada, que por ter assumido a rendição, passou 19 anos encarcerado no forte da Barra de Santos. A ação dos mercenários e aventureiros de São Paulo, então denominada Legião de Voluntários Reais de Portugal, se estende até cerca de 1790, como aventureiros descalços de jaleco e baeta, camisa de algodão e calça que chamam de bombaxa. Esta foi a época de Luiz D'Albuquerque de Mello Pereira e Cáceres, no Brasil.

Deve ser lembrado que à época de Luiz D'Albuquerque era o Mato Grosso o maior produtor de ouro da Corte, com o agravante do comércio estar nas mãos dos jesuítas espanhóis como prova Mello Moraes. A especialização dessa região, era refletida pelos produtos transportados pelas frotas. Em 10 anos, dessa época, somente no Porto de Lisboa o movimento da frota comerciante (Carreira da Índia) ultrapassou 800 navios, das quais 300 eram portuguesas e um terço estava diretamente comprometido com o Brasil. Isto fez com que Portugal, graças a centralidade da riqueza do Brasil, recuperasse sua posição na Europa, o que foi inteiramente reconhecido por todas as nações. A grande prosperidade do comércio e do contrabando coloniais forneceram um elo chave na corrente Brasil-Lisboa-Londres.

Os grandes comerciantes de Lisboa, na época, eram protegidos por privilégios especiais e estavam constituídos por comissários volantes (mercadores para a América), principalmente britânicos seguidos de judeus italianos, espanhóis e outros, entre eles, citando-se a Bristow Ward C^o. Os agentes de T. Chase, Wilson C^o, dominando os bens manufaturados exportados para o Brasil via Portugal e o segundo Alexandre de Gusmão, o secretário brasileiro do Rei D. João V, a maior parte da produção de ouro fugia à fiscalização oficial. Em

1769, a Câmara de Lisboa avalia a medida de lucros nas vendas dos comerciantes entre 12 e 15% e no comércio do Brasil, 25 a 30%, e para os jesuítas espanhóis 100%. Tais números transformaram o Século XVIII português em um longo Século de batalhas diplomáticas comerciais, enfiadas pelas guerras esporádicas contra a Espanha, na América do Sul. Nesse ambiente assume o cargo de Ministro dos Assuntos Exteriores e da Guerra, em Julho de 1750, a mais importante figura histórica portuguesa: Sebastião José de Carvalho e Melo, o Marquês de Pombal (1699-1782).

Exporá, em Viena, suas ambições:

O poder e a riqueza de todos os países consistem, principalmente, no número e multiplicação das pessoas que os habitam, e sendo para Portugal, humanamente impossível obter o número de pessoas necessárias ao próprio Portugal ou das Ilhas Açores e Madeira, sem convertê-lo em um deserto, é essencial a abolição de todas as diferenças entre índios e portugueses e ainda, devemos suprimir o domínio religioso jesuítico sobre as fronteiras.
(MAXWELL, K. *Marquês de Pombal*).

Estabelece então a Companhia do Grão Pará e Maranhão como único modo de retirar o comércio de toda a América portuguesa das mãos dos estrangeiros. Pombal se vê cercado dos colaboradores e conspiradores. A situação sócio-econômica de Portugal limitou estritamente o grupo do qual podia escolher seus colaboradores.

Pombal engrandece a fidalguia portuguesa com a fundação do Colégio dos Nobres, cujo domínio científico pertencia ao célebre professor Giovanni Antônio Dalla Bella. Pombal cria uma geração ilustrada de burocratas, funcionários, fidalgos, militares e cientistas.

O Estado pombalino encorajou o surto industrial. Vinte e sete dos cinquenta e dois editos reais promulgados para novas indústrias foram expedidos para estrangeiros, um terço deles, para os franceses. Nestes, o mais importante foi para Jacome Ralton, o reexportador do algodão brasileiro para a França (Nascido em Dauphine, na França). Pombal contratou pessoalmente a William Stephens, o inglês



Sebastião José de Carvalho e Mello, o Marquês de Pombal (1699-1782).

que desenvolveu a indústria de vidro. Para a reforma de Coimbra, Pombal mandou chamar o editor romano Nicola Pagliarini, e o transforma em edito do Rei, oficial de Pombal. Pagliarini já havia feito publicações anti-jesuíticas para o embaixador Almada, e fugiu de Roma para Portugal.

Pombal procedeu agressivamente para melhorar as defesas do Brasil. Como ponta de lança, fez Graf Lippe participar e formar a campanha militar, incluindo o general austríaco John Heinrich Böhm e o perito em fortificações, o sueco Jacques Funck; reforçados pelos três dos melhores regimentos portugueses, Maura, Bragança e Estremoz. No Colégio dos Nobres, apanhou os aristocratas mais leais, incluindo entre eles D. Luiz Antônio de Souza (Morgado de Mateus), nomeado governador da restabelecida Capitania de São Paulo (1765), o Marquês de Lavradio, neto do Duque de Aveiro, este irmão do primeiro patriarca de Lisboa, que se torna governador da Bahia (1768) e Luiz D'Albuquerque de Mello Pereira e Cáceres.

Com instruções para todos, dizia Pombal:

O espírito [...] pode ser reduzido a três pontos principais:

Defenderás fronteiras

Povoá-las para que possa defender-se por si mesma.

Tornar lucrativo o uso das minas e dos benefícios que venham a ser descobertos neste vasto continente.

Pombal já havia utilizado os primeiros alunos do Colégio dos Nobres, como D. Luiz Pinto de Souza Coutinho, formado em 1767, o Visconde de Balsemão, tomou posse como governador do Mato Grosso em 3 de janeiro de 1769 e governou por três anos, onze meses e dez dias (SILVA, Paulo Pitaluga Costa e - *Governantes de Mato Grosso*). Sucedê-lo à Luiz D'Albuquerque, escolhido por Pombal, no auge das reformas militares e fiscais portuguesas, dizendo Pombal:

Em qualquer decisão no Brasil, use prudência na deliberação, destreza na preparação e perseverança para concluir. (POMBAL RIHGB, 27, 1962)

Abolindo a seguir o sistema de contratos.

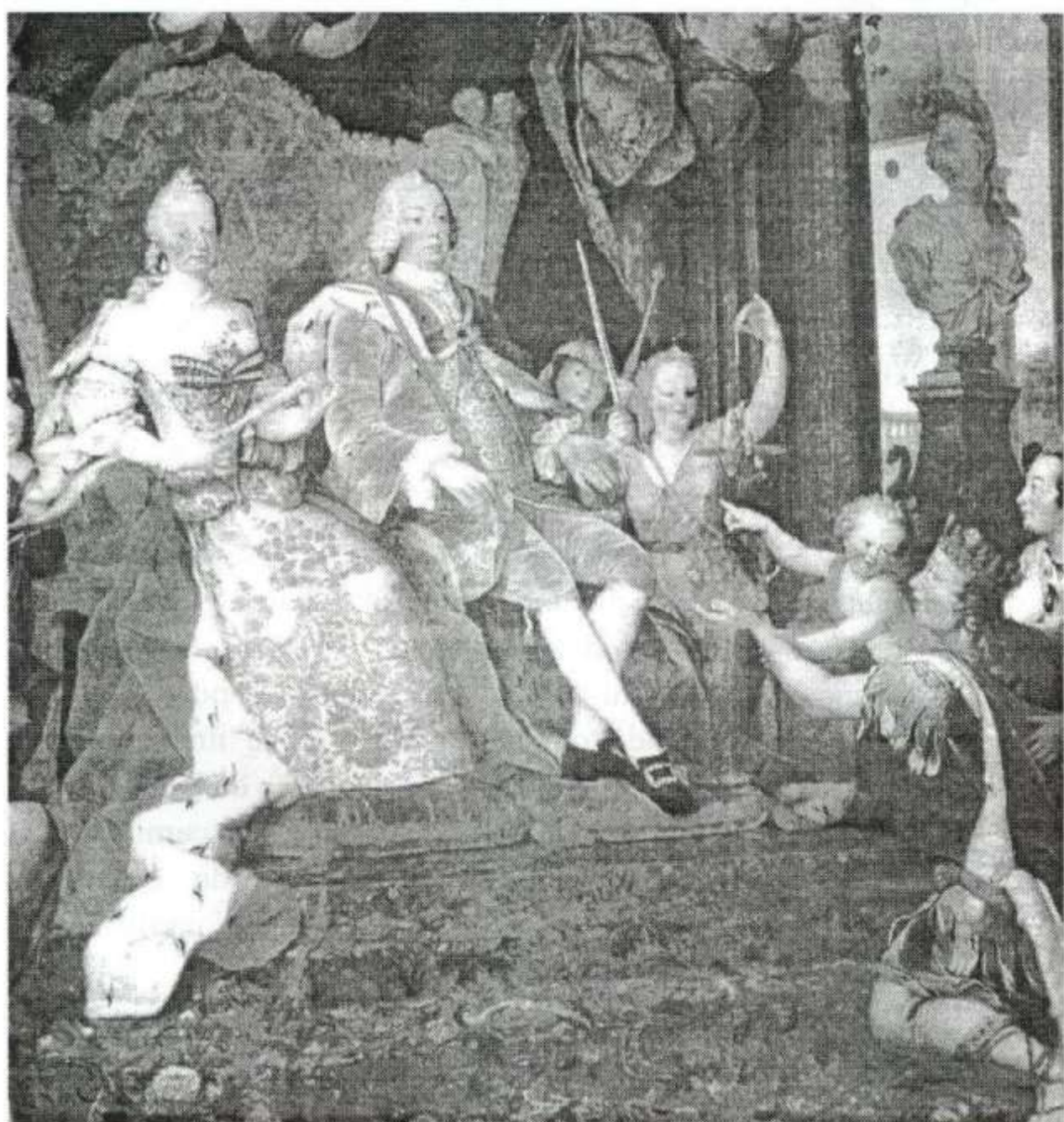
Porém Pombal, enfrenta a conspiração da corte, que

reprime com austeridade, não só luta contra os espanhóis pela disputa pelas terras fronteiriças da região do Rio da Prata, Mato Grosso e Guaporé, entre 1763 e 1777, como também a guerra ao redor da fronteira de Gôas, contra os maratas que consumia recursos, que inibiam os ambiciosos projetos de Pombal para o Brasil, levando o comércio asiático a uma virtual paralisação em 1770. Todos os setores da economia colonial encontravam-se em dificuldades pela concorrência britânica, francesa e holandesa. O comerciante britânico do ouro português, William Brand, retira-se de Lisboa, ocorrendo bancarrotas entre pequenos e grandes comerciantes.

A reação do Marquês de Pombal, frente às oligarquias holandesas, britânicas e francesas, dominadoras do comércio, além de seus postulados frente a certa liberalidade em relação aos grupos étnicos discriminados, como judeus e em seguida aos índios, empurrou definitivamente os grupos comerciais em direção a Nova América, na época o incipiente E.E.U.U.

D. José I falece em 1777, após sucessivos ataques vasculares cerebrais, e a posição de Pombal logo se torna insustentável pela ação dos britânicos. A nova Rainha, Dona Maria I, a primeira soberana na história de Portugal, fora por muito tempo o foco das esperanças dos inimigos de Pombal. Pombal viu-se imediatamente afastado do novo círculo real, oito dias após a ascensão de Dona Maria I SMF. A queda de Pombal foi rápida e os espanhóis abrem caminho para um acordo na guerra de fronteira na América do Sul. Luiz D'Albuquerque, nesse cenário, é encarregado da nova cartografia desses limites.

A queda de Portugal, longe de destruí-lo, aumentou-lhe a reputação, mas forneceu o disfarce ideal para a manipulação do Estado Português, mantendo a oligarquia mercantil e industrial os seus lucrativos monopólios. De Outubro de 1779 a Janeiro de 1780, Pombal é interrogado, com quase oitenta anos de idade, em processo jurídico famoso. Então, o Marquês emprega toda a energia que lhe restava para a sua defesa. Dona Maria encerra o processo, frente à debilidade física do Marquês. Pombal falece em 1782.



Alegoria ao Rei D. José I

O Colégio dos Nobres e a Universidade de Coimbra são atacados pela Igreja e opositores. A fidalguia passa então a conduzir Portugal, e os seus membros condicionando o retorno de Luiz D'Albuquerque a Portugal, após administrar o Mato Grosso por dezesseis anos, 11 meses e sete dias, deixando-o em 20 de Novembro de 1789 (MAXWELL, K. *Conflicts and Conspirancies Brazil and Portugal: 1750-1808*, Cambridge, 1973).

O Colégio dos Fidalgos, verdadeira Academia de Ciência Militar, serviu de modelo para várias academias do mundo europeu. Na Alemanha, em Göttingen, local de desenvolvimento dos jovens nobres russos, amparados pelo Czar, forma-se em Medicina, Grigori Ivanovitch Langsdorff, que enceta com Hércules Florence a célebre viagem Porto Feliz a Belém do Pará, acompanhado de Amado Adriano Taunay, que falece afogado no Rio Guaporé, e será enterrado em Vila Bela, na Capela de Santo Antônio dos Militares, ao lado de Ricardo Franco de Almeida Serra. Registre-se que o grande médico russo, para as Universidades Médicas, era o judeu pombalino, Antônio Ribeiro Sanches, de cujos escritos Pombal retira sua ideologia.

Deve-se ao Marquês de Pombal a transformação do antigo colégio das Artes de Lisboa, em Colégio dos Fidalgos. Foi notória a disposição do Marquês em impedir a segregação dos judeus e os biógrafos do mesmo atribuem a vastíssima obra de Antônio Nunes Ribeiro Sanches (Panamacu 1695. Paris 1783) a responsabilidade das reformas econômico-sociais que Pombal iniciou em Portugal.

Antônio Nunes Ribeiro Sanches nasceu no seio de uma família abastada da Beira Baixa, e frequentou o Colégio das Artes em 1716. Dali rumou a Salamanca onde se formou em Medicina em 1724. Por ser judeu, temia a Inquisição portuguesa e aperfeiçoa-se em Londres, convivendo com Boerhave na Holanda, em 1730. Organiza, a pedido de D. João V, os catálogos de Medicina de Coimbra, sendo contratado para serviço da Corte Russa, em São Petesburgo, em 1735, tornando-se médico do corpo imperial de cadetes. Toda a biblioteca particular de Ribeiro Sanches, encontra-se na Biblioteca Voltaire, em São Petesburgo. Sobre eles falam os russos:

O estrangeirado mais profundo do século XVIII português.

cujos princípios racionalistas, de forma social e a crença no progresso, influenciaram o Marquês.

O processo movido contra o Marquês de Pombal traz para o Mato Grosso um clima de instabilidade e decadência material e humana, instalando-se um caráter espoliativo sem precedentes, resultantes da nova política colonial portuguesa. Nessa nova política, Dona Maria I determinada como o maior e mais ambicioso projeto até então formulado pelos portugueses:

A viagem filosófica de Alexandre Rodrigues Ferreira.

Para empreendê-la, socorreu-se do Colégio dos Fidalgos, do Marquês de Pombal, cuja instituição se dera com os cientistas de Bologna e pela sua filosofia liberal, os da Universidade de Padova. Nesse rol de pessoas ilustres que vieram para o Brasil, encontram-se Silva Pontes, Lacerda e Almeida, Ricardo Franco de Almeida Serra, Antônio Giuseppe Landi (Bolonha), Domingos Sambocelti (Padova), Felipe Sturn, André Schwebel (Göttingen), Leopoldo de Breuning e Ignacio Szenmartoni, engenheiros astrônomos, matemáticos, geógrafos e naturalistas.

Para o Pará, outro Albuquerque, da Beira Alta, viera governá-lo, ali chegando em 21 de Outubro de 1783: Martinho de Souza e Albuquerque, em companhia de Alexandre Rodrigues Ferreira e seus auxiliares. Em 30 de Janeiro de 1788, as ordens reais expedidas em Lisboa (em 31 de Outubro de 1787) ordenam que Alexandre vá com seus auxiliares pelo Rio Madeira até a capital do Mato Grosso, retornando a Belém do Pará em 6 de Fevereiro de 1792, para em seguida retornar a Lisboa. Entre os acompanhantes de Alexandre contam João Pereira Caldas, Theodozio Constantino Chermont, Euzébio Antônio de Ribeiro, Joaquim Antunes do Valle, Henrique João Wilekens, Pedro Alexandrino Pinto de Souza, Joseph Joaquim Victório, Francisco Joseph de Lacerda e Almeida, Severino Euzébio de Mattos, Francisco Luiz Carneiro, João Bernardes Borralho, Joseph Joaquim Cordeiro, Antônio Pinto, Padre

Álvaro Lourenço de Fonseca Luzarte, Padre Francisco Pedro Thomaz, Antônio Joseph D'Almeida Braga, 1º Cirurgião, Francisco D'Almeida Gomes, Cirurgião, Joseph Ferreira, ajudante de Cirurgião e, finalmente:

Ricardo Franco de Almeida Serra, dos Serra de Beira Alta, Do. Nº 60 Do Soldo Observação da 3ª Partida da Capitania de Mato Grosso, para onde foi expedido da Vila de Barcelos ao 1º de setembro de 1781, na nau Nossa Senhora de Brotas como cosmógrafo, D. João de Arias, encarregado dos instrumentos de sua repartição, com auxiliares D. Simão Atad, Francisco Sinenos, D. Joseph Alonsen e D. Joseph Moraes.

Seguiam Alexandre, os italianos Paizano, Arsnogaldi, Bricallo, Valendito, Caramona, Guido e o relojoeiro Ignacio Marino. Esta expedição leva o Brasil, fosse pelos potenciais encontrados, como pela extensão, ao novo teatro da Política de Portugal, pois chegava ao fim o envolvimento internacional português, cingindo às disputas ibéricas cujo campo fixou-se no Brasil. Assim, alguns historiadores afirmam que foi o banimento imposto ao império comercial britânico, o embrião da Guerra do Paraguai, que eclode setenta anos depois.

Caberia a Luiz D'Albuquerque mandar erigir na margem ocidental do Rio Paraguai o Forte de Coimbra, de início uma simples estacada, em 1775, mas, depois, reconstruído em sua forma atual por Ricardo Franco de Almeida Serra. A planta original se encontra no Arquivo Histórico Nacional da Espanha.

Ao Rei D. José I, Luiz D'Albuquerque aponta como razões para a construção do Forte de Coimbra:

Mais de quatro mil portugueses (sem computar os escravos negros, aventureiros e outros não relacionados), mortos e um prejuízo à Coroa avaliados em três milhões de contos de réis, provocados pelos cavaleiros de corso, do gentio Guaicurú.

O Marquês de Pombal volta suas atenções para o Guaporé, mais precisamente para a Companhia Grão-Pará-Maranhão.

Aos 20 de Junho de 1776, os alicerces do Forte Príncipe da Beira são feitos com a presença de Luiz D'Albuquerque, registrando a

histórica ata, a ordem do Rei D. José I e concedida a direção ao italiano genovês Domingos Sambocetti. São abençoados os quatro baluartes, Nossa Senhora da Conceição, Santa Bárbara, Santo Antônio de Pádua e Santo André Avelino, com a presença de Joseph Manoel Cardoso da Cunha, Joaquim Pereira de Albuquerque, Joaquim Lopes Poupino, Thomé Joseph de Azevedo e José de Mello Castro de Vilhena. O grandioso projeto de Sambocetti, com integral apoio do Marquês de Pombal, ocupava posição proeminente no quadro de Política de Fronteira, absorvendo contingente significativo de trabalhadores de todos os níveis e todos os países. Em 1786, ali chega Alexandre Rodrigues Ferreira e registra o desenvolvimento do arraial.

Esta admirável odisséia, feita de pedra canga, arenito comum na região, constitui-se ainda hoje inigualável. Com a morte, por malária, em 1789 de Sambocetti, assume para completá-la a pedido de Luiz D'Albuquerque, Ricardo Franco de Almeida Serra, que depois completará o Forte Coimbra, ali se notabilizando na defesa à invasão paraguaia de 1801.

Com a queda do Marquês de Pombal, o Forte Príncipe da Beira, que deveria controlar o comércio da Companhia Grão-Pará, conhece longo período de abandono. Silenciam os registros históricos e deprimem Luiz D'Albuquerque. Sucumbindo o Marquês de Pombal, sucumbe também a sua obra maior, inigualável. Ao retornar a Ínsua, Portugal, Luiz D'Albuquerque manda que os arquitetos bolonheses, liderados por Bigaglia, o mestre bolonhês da época, a construção com detalhes não encontrados em Portugal onde ainda vicejam plantas tropicais, levadas do Mato Grosso.

Luiz D'Albuquerque foi também um iluminista paradoxal, leal ao seu amado Portugal. Ao ser informado que seria substituído pelo irmão será sua primeira recomendação o predito pelo Marquês de Pombal em relação aos índios: Continuar as obras de Ricardo Franco de Almeida Serra, em relação aos índios cavaleiros ou de curso Guaicurús, iniciado em 1782.

Ricardo Franco, por vinte e cinco anos, dedica-se ao Forte

de Coimbra, à Portugal, ao Mato Grosso e aos índios Guaicurús. João de Albuquerque de Mello Pereira e Cáceres restabeleceu as ações diplomáticas com os Guaicurús, em 1789, mandando emissários parlamentarem com os capitães dos índios cavaleiros, tendo como intérprete a Negra Vitória. E, finalmente, em 30 de Julho de 1797, os dois capitães cavaleiros são recepcionados pelo governador em Vila Bela da Santíssima Trindade.

O Governador João de Albuquerque de Mello Pereira e Cáceres, Capitão General do Mato Grosso e Cuiabá concede aos capitães da Nação Guaicurús ou Cavaleiros, Paulo Joaquim José Ferreira e João Queimá de Albuquerque, a patente de Capitão, transforma-os em Vassallos Portugueses, súditos de Dona Maria I, assina, com o sinete, e firma em 17 de agosto de 1791, o primeiro tratado de Paz com uma Nação Índia das Américas, ata essa secretariada por Joaquim José Cavalcanti de Albuquerque e Lins, o Tenente-Coronel Antônio Felipe da Cunha Ponte e o Doutor Alexandre Rodrigues Ferreira, naturalista encarregado da expedição filosófica e arogo das Nações Índias, se acompanha de Antônio Calheiros Gomes de Abreu, da intérprete e do Sargento-Mor Alexandre Rodrigues Ferreira e os desenhistas Freire e Codina, os documentarão com suas tropas de Cavalos, na travessia do Rio Paraguai no Forte de Coimbra, em 1791.

Chegando em 1791, o irmão de Luiz D'Albuquerque procura atrair as famílias de São Paulo para Mato Grosso. Dos antigos troncos portugueses, Antônio Peixoto de Azevedo requer Sesmaria na Chapada dos Guimarães. Em 1795, era vereador em Cuiabá. Deixa notável descendência, verdadeiro tronco-pilar Mato-grossense, com raízes profundas em Cuiabá. Pela sucessão das ligações familiares com os Sacramento, Cardia, Souza e Oliveira, Montenegro, Nascimento, Carvalho, Azevedo, Pinto, Amarante, incluindo um italiano de Palermo, Verlangieri, chegado a Cuiabá em 28 de Junho de 1869 e, finalmente, com os Pitaluga, associam-se com os Moura, Palmas, Kauffman, Aldo, Müller, de cujas famílias brotará Paulo Pitaluga Costa e Silva, nascido em 24 de Maio de 1946, advogado, filho de Jaime e Carmem Vila

(Cuiabá 1885 São Paulo 1967). Desta Odisséia de Bravos, vilões e Heróis, todos constituíram família no Brasil ou aqui se encontram enterrados.

O tronco Moraes nasce em Sergipe e Pernambuco, por D. José de Moraes, da comissão de limites. Antônio Giuseppe Landi, o construtor de Belém, o maior arquiteto de Bolonha, está enterrado na Igreja Santana da Campininha, em Belém do Pará.

Ricardo Franco de Almeida Serra tem as cinzas veladas com honras militares no Forte Coimbra.

Lacerda e Almeida forma tronco de família em São Paulo. Theodózio Constantino Chermont faz tronco familiar, ruralista da Ilha de Marajó e político no Pará.

Os Carneiros se unem aos Albuquerque, primeiro em Minas, depois em São Paulo.

Os Simões de Carvalho ocupam os currais velhos da Bahia, e dali se irradiam pelo Sul de Minas, ao estado de São Paulo.

Os Lourenço da Fonseca, constituem famílias de entradistas em São Paulo

Os Paizano, Arnosgald, Bricvalho e Marino radicam-se em Corumbá e logo no século seguinte atraem levas de ítalo-lisboetas para os serviços do porto. Destes, o mais conhecido foi Manoel Cavassa que doa à Igreja Matriz o Querubim de Mármore de Carrara. Sua descendência é formada por médicos, comerciantes, políticos, administradores e advogados.

Hércules Florence radica-se em Campinas E. S. P., e forma família que em gerações sucessivas darão ao Brasil professores, técnicos, juízes e advogados. É guindado como pai da iconografia paulista.

Os Taunay se ramificam e se transformam nos grandes historiadores e comentaristas da odisséia dos bandeirantes e da Guerra do Paraguai, legando-nos sua maior obra: "A Retirada da Laguna".

A coleção de Alexandre Rodrigues Ferreira é expropriada por Geoffroy Saint Hilaire, que funda com ela a ciência naturalista

Francesa.

Todos deixaram no Brasil um rastro de heróis, graças ao Mato Grosso. E, anotaré Alexandre Rodrigues Ferreira para a história:

Da capital de Mato Grosso, volta para Lisboa, o quarto governador e Capitão-General Luiz D'Albuquerque de Mello Pereira e Cáceres.

E tudo será ignorado pelos historiadores portugueses, que jamais se preocuparam com o lugar do Marquês de Pombal entre os reformadores de sua época. O recente interesse pela teoria do despotismo esclarecido, tendeu a ignorar o que representou Pombal para o Brasil, e a criação, por D. José I, do Colégio dos Fidalgos. Deve-se aos comerciantes madeireiros do Brasil o magnífico trabalho de Van Loo, datado de 1766, existente na Câmara Municipal de Oeiras, Portugal, retratando o marquês de Pombal ao consolidar a hegemonia de Portugal sobre o Império Comercial Britânico.

Este paradoxo do iluminismo merece ter a sua época relatada como o foi, com seus limites e imperfeições, pois nela devemos inserir a Luiz D'Albuquerque de Mello Pereira e Cáceres, o conquistador do Oeste Brasileiro, o formador do Mato Grosso na história do Brasil. Obs: Escrito na boca do canal de fora da Lagos Gaíba, em viagem pelo Rio Paraguai no barco Tuiuiú, onde se encontra o Morro do Letreiro, dos Índios Guatós também conhecido como Letreiro da Gahyba aos 17 graus e 43 minutos e 36 segundos de latitude aos 9 de Março de 1998, no Mato Grosso.

RECOMENDAÇÕES DE LEITURA

DAVIDSON, D. M. *Rivers and Empire. The Madeira Route and the Incorporation of the Brazilian Far West, 1737-1808.* Tesis Physolophy Doctor. Yale University, 1970.

- BEAL, T. *Os Jesuítas, a Universidade de Coimbra e a Igreja Brasileira. Subsídios para a História do Regalismo em Portugal e no Brasil, 1750-1850*. Tese de Doutorado em Filosofia (PHD) The Catholic University of America, 1969.
- ODBRECHT (org.) *O Forte Príncipe da Beira*. 1992.
- MELLO MORAES, J. *História Corográfica do Brasil*. 1864. 4 vol.
- CASAL, Ayres de *Corografia Brasileira*. 1806.
- FERREIRA, A R. *Viagem Filosófica à Capitania do Rio Negro*.
- BERTELLI, A P. *Os fatos e os Acontecimentos com a Poderosa Nação dos Índios Soberanos Cavaleiros Guaicurús*. Uyara, 1986.
- MAXWELL, R. *Marquês de Pombal*. 1996.
- FONSECA, J. F. *Viagem através do Brasil*. 1989.
- FLORENCE, H. *Viagem do Tietê ao Amazonas*. São Paulo, Melhoramentos, 1942.
- METOZENER, P. *Ileitch Gigorii Langsdorff*. São Paulo, Brasiliana, 1916.